

Usos e relações com a tevê

Ercio Sena*

Resumo

Neste artigo, reflete-se sobre um discurso da Rede Globo sobre a vida dos jovens no tráfico de drogas. A emissora propôs, por meio de uma reportagem exibida em um programa de televisão, o Criança Esperança, estabelecer uma relação direta entre as práticas dos jovens e a ausência da escola.

Palavras-chave: *Televisão. Discurso. Juventude.*

* Professor do departamento de comunicação da PUC Minas. Autor do livro *Comunicação e educação*. São Paulo: Annablume, 2008. Disponível em: <www.livrariareposta.com.br/v2/produto.php?id=4501>.

Introdução

Os meios de comunicação, em particular a televisão, existem para o consumo e estão em relação permanente com a demanda que se constrói numa sociedade que se organiza em torno deles. Não são mais interessantes do que os sujeitos que os consomem nem podem ser percebidos ou reconhecidos fora dessa relação. Conformam lógicas de poder e seus produtos se desenvolvem no diálogo entre o interesse de dominação e o controle da opinião com a expectativa do público, considerando a complexa estrutura que se impõe à difusão dos bens simbólicos.

A inovação, a atenção permanente com os fatores condicionantes da produção e os interesses do público e dos meios de comunicação são características constantes da produção cultural midiática. No Brasil, ela age na tessitura de um projeto de poder ancorado no contexto de uma complexa lógica de escolhas que conformará seus produtos. É importante salientar que a televisão brasileira cumpriu papel decisivo na formação da identidade nacional, embora as imagens fossem escolhas que frequentemente negaram os valores das classes populares. A opção, na maioria das vezes, se deu por uma brasilidade identificada com a elite branca referenciada em valores europeus. Somente nos primeiros anos do novo século os negros apareceram fora do padrão subalterno com o qual foram identificados durante as primeiras décadas de vida da televisão no Brasil. Ainda assim, essa representação não ficou livre da crítica dos grupos antirracistas que frequentemente apontam severos incômodos em razão do modo como esses personagens são retratados.

Outro argumento que concorre para salientar a importância da televisão no Brasil diz respeito às características da própria população brasileira. Lima (2001) aponta pesquisa do Instituto Paulo Montenegro, realizada em 2005, em que apenas 26% dos brasileiros entre 15 e 64 anos têm habilidades plenas de leitura e escrita. Na mesma pesquisa, 30% da população é considerada analfabeta funcional. Com isso, a televisão seria o meio de comunicação mais adaptado às condições de acesso da população. Dados do PNAD 2004 (IBGE, 2004) mostram a presença majoritária da televisão em mais de 90,3% dos domicílios no Brasil e ressalta a importância do veículo na vida social brasileira com forte impacto nas relações políticas.

O cotidiano e a tevê

A articulação da televisão com a vida social passa pela construção cotidiana de uma realidade que envolve valores, projetos políticos e

juízo estético produzido ao longo de um tempo. É um tipo de inserção sociocultural que demanda fluxos de relacionamentos irrigados regularmente por produtos que refletem a vida social não necessariamente em conformação ou contradição com essa dinâmica, mas orientada basicamente por ela. A história e a força da televisão no Brasil atestam esse fato e mostram como o papel da tevê está profundamente articulado a esses processos.

Os produtos da televisão procuram refletir a dinâmica da vida social. Neles é possível reconhecer que embates, diversas formas de manifestação e até mesmo reivindicações inclusivas que nela ocorrem são afetadas pelos meios de comunicação. Nos eventos organizados com a finalidade de mobilizar, construir legitimidade, ou mesmo difundir ideais, enunciadores têm que levar em conta condições que possam gerar visibilidade midiática.

Em defesa da televisão e sua produção, seria possível apresentar o fato de ela oferecer ao público o que ele quer e, com isso, os valores e as formas difundidas estariam justificados pela sintonia com o telespectador. Entretanto, é necessário reivindicar no consumo da tevê o que a maioria de seus produtos não permitiu conhecer. Não se trata de excluir do cardápio de opções as preferências populares, mas de alargá-las com outras possibilidades inscritas no universo da cultura.

Importa (e muito) o que se quer que a televisão produza, e esse é um terreno em disputa, obviamente em condições que favorecem valores dominantes. A televisão se organiza como empresa e contribui para a tessitura do poder econômico, simbólico e político. Por outro lado, o entendimento sobre os modos como os sujeitos se apropriam da produção cultural televisiva e as diferentes concepções que compõem a vida social a alimentar essa produção não podem ser descartadas como questões menos importantes.

As relações com os meios de comunicação envolvem condições sobre as quais essa reflexão acontece e são, portanto, indispensáveis para qualquer propósito que envolva um plano de estudos sobre os meios de comunicação de massa, em particular a televisão. Por seu alcance, por ser o meio de consumo mais popular e pela importância que tem na cultura brasileira, se a tevê não pode ser tomada em estado de celebração pelo papel essencial que desempenha, deve ser considerada, pelo menos, como objeto de reflexão necessária, uma vez que existe na articulação com a vida social e seu entendimento diz muito sobre as relações construídas nesse terreno.

Situado o lugar de fala, passa-se, então, a análise de uma reportagem apresentada no programa *Criança Esperança*, produzido pela Rede Globo de Televisão.

A escola e o tráfico no foco da reportagem

Criado há 27 anos, o objetivo com o programa é sensibilizar a população brasileira a participar da campanha de arrecadação destinada a projetos voltados para promoção e a defesa dos direitos de crianças e jovens brasileiros. A partir de então, desenvolve-se uma campanha anual em que um grande evento midiático, o show do projeto *Criança Esperança*, é preparado e veiculado no mês de agosto, com a participação de atores, jornalistas e profissionais da emissora, personalidades do mundo esportivo, cultural e empresarial.

Na edição de 2007, o programa se orientou pela temática da educação. Várias reportagens, discursos de personalidades e apresentações trouxeram o tema educação como eixo principal do programa e da campanha de arrecadação de fundos. Uma delas foi destacada para análise neste trabalho.

Nessa reportagem, o programa procurou associar a ausência da escola e os caminhos que levam jovens ao crime e ao tráfico de drogas. Num primeiro momento, são apresentadas as estatísticas que indicam essa ausência e, posteriormente, baseando-se no depoimento de alguns jovens, buscou-se na reportagem a explicação deles para o envolvimento com o crime e o tráfico.

O jornalista Ernesto Paglia foi chamado para apresentar as estatísticas referentes à presença dos jovens na escola. Além delas, a reportagem, conduzida por ele e pelo *rapper* MV Bill, mostra as causas que levam os jovens a se envolverem com crimes e drogas nas favelas.

Boa noite. Eu estou aqui para lembrar algumas estatísticas, alguns números tristes, números que comprovam que é preciso continuar fazendo, cada um de nós fazendo a sua parte para que as crianças do Brasil realmente tenham esperança. O Brasil tem quase 11 milhões de adolescentes entre 15 e 17 anos. 18% deles estão fora da escola. Só na rede estadual do Rio de Janeiro a cada 3 minutos um aluno abandona a sala de aula. São 471 pessoas que largam a escola a cada dia, 19 alunos por hora. Os números são do Ministério da Educação. Por que os jovens saem da escola? E muitos deles entram para a criminalidade? Nós fomos com o *rapper* MV Bill buscar uma resposta com os jovens envolvidos com o tráfico de drogas. (PAGLIA, 2007)

A apresentação do repórter enunciador realça as condições em que se encontra a maior parte dos jovens brasileiros. Dirige-se ao público do programa para informar que uma parcela expressiva não frequenta

escola, enquanto outra parte resolve abandonar os estudos. Para enfatizar a gravidade da situação, indica como fonte o Ministério da Educação, um dos responsáveis pelo problema. No discurso o repórter se dirige tanto aos espectadores, quanto aos responsáveis por políticas de inclusão desses jovens. Para a emissora alcançar o telespectador e expor a situação na busca de uma solução, é um modo de abordar criticamente esses problemas.

O *rapper* aparece diante de um jovem que é entrevistado sem que sua imagem apareça no vídeo. Nas entrevistas, intertítulos são propostos no decorrer da reportagem anunciando os temas que serão abordados no diálogo com os jovens envolvidos no crime. Antes de cada bloco de entrevista, os intertítulos são mostrados em escrito branco sobre um desenho vermelho a indicar uma mancha de sangue. A imagem do *rapper*, atento às histórias contadas pelos jovens, é constante em todos os quadros dessa encenação. Na última cena, a entrevista se encerra com o choro emocionado do jovem que tenta, sem êxito, na presença do *rapper*, conter sua emoção:

Bem, estou aqui em uma favela igual em qualquer lugar desse país pra conversar com os jovens que ainda vivem na vida do crime. São jovens que estudaram, tiveram acesso à escola. E eu estou aqui para tentar entender porque abandonaram a escola e encontraram no crime uma forma de sobrevivência. (BILL, 2007)

A fala do *rapper* é construída em uma expressão que demonstra concentração e seriedade. Mostra a disposição da reportagem, que pretende demonstrar não somente os aspectos que envolvem a atitude dos jovens naquele local, mas generalizar essa experiência como problema em várias cidades brasileiras. O aspecto comum, presente em todas as entrevistas realizadas, é o fato dos jovens estudarem e, mesmo tendo acesso à escola, escolherem entrar para a vida do crime.

No quadro *A vida no crime*, a cena se inicia com a fala de um jovem explicando os motivos que, segundo ele, o levaram a entrar para a vida do crime. Adolescente 1: *Eu fui um moleque criado muito solto, nunca fui aquele moleque criado preso. Eu fui criado muito solto no morro.*

O adolescente diz que seu envolvimento com o crime se deve à condição de ser criado sem limites, à disposição de qualquer tipo de influência. A ausência de controle familiar é apontada como a causa que o levou a se envolver com o crime:

MV Bill: Você sabe que a maioria dos jovens iguais a você que está nessa vida hoje, foi muito rápido. Muitos jovens morreram

muito rápido e muito novos. Você não pensa nisso, na possibilidade de ter pouco tempo para viver no seu futuro?

O *rapper* lembra ao adolescente os riscos de vida que essa atividade traz. O questionamento também propõe um alerta para as condições de perigo.

Adolescente 1: *Penso, eu sei que hoje eu penso que posso estar aqui vivo nessa vida e amanhã eu já posso estar morto.* O adolescente reconhece a dimensão desse perigo, do risco e da ameaça sobre ele no cotidiano do tráfico. A questão do *rapper* não é estranhada pelo adolescente. Mostra que escolher essa vida é também conhecer as dimensões que envolvem as atividades do tráfico.

O pressuposto comum de que o acompanhamento da família é decisivo para orientar os filhos é reforçado no depoimento do próprio adolescente, que atribui sua condição ao fato de não ter *sido criado preso*. O uso dessa expressão comum também demonstra que o discurso partilha de uma *doxa* e nela se indexa e, com isso, contribui para afirmar o *ethos* da emissora na difusão, bem como de valores socialmente difundidos. A ausência de perspectiva é destaque como componente desse discurso, quando o adolescente reconhece o permanente risco de vida imposto por essa atividade. O fato de ter sido criado sem limites o leva ao abandono, à sorte imprevisível e sem perspectiva da vida no crime.

No segundo tema explorado pela reportagem, a família é destacada para que os jovens reflitam sobre sua importância. O adolescente 2 fala sobre a relação com a família e a influência que isso tem na vida que ele leva:

Eu fui abandonado, eu era pequenininho, e fiquei com a minha avó. Minha avó que sempre me criou. Minha avó, ela nunca me abandonou mano. Tá ligado? Eu quero sair dessa vida mesmo para ver minha avó em paz. Deu dois tiros de noite, de repente e eu cheguei em casa mais tarde e minha avó ainda estava lá preocupada. Se eu estivesse trabalhando eu sei se ela estaria feliz. Qual mãe vai estar feliz vendo seu filho nessa vida, sabendo que a qualquer momento ele pode perder a vida assim do nada?

No segundo quadro, a importância da família é destacada, reforçando valores socialmente reconhecidos. A importância da avó no contexto da vida do adolescente torna-se motivo para ele abandonar o tráfico. O adolescente reforça a importância do trabalho como alternativa à vida que leva, para demonstrar que também pode partilhar das convicções que a maior parte da audiência deve ter.

O questionamento fortalece o sentido de uma alocação orientada por uma representação comum no imaginário da audiência. *Qual mãe vai estar feliz vendo seu filho nessa vida, sabendo que a qualquer momento ele pode perder a vida assim do nada?* A reflexão do jovem o compromete também com esses valores. Embora anuncie seu desejo de viver sob outras condições, a fala não consegue alcançar as alternativas que precisaria construir para realizar esse desejo.

No terceiro quadro, *A escola*, a importância dela é enfatizada como um tema importante sobre o qual os jovens, envolvidos com o tráfico, irão refletir.

MV Bill: A escola te traz alguma lembrança boa? Alguma parada legal?

Adolescente 3: *Eu lembro que jogava futebol na escola. Eu era mais tranquilo, era igual quando eu estava escutando música.*

Adolescente 4: *Nossa vida é sofrida, certo? Ai, porra, às vezes você não tem um tênis prá botar, uma calça prá vestir, uma camisa boa, um uniforme bom. Às vezes não tem um sabão prá lavar a camisa. Pô, aí, isso vai te atrapalhando, vai criando um obstáculo prá tu estudar.*

No primeiro momento da entrevista, diferentemente do que as estatísticas poderiam sugerir, a escola não foi apontada como um lugar hostil pelo adolescente. Ele destacou momentos de diversão vividos nela, e esses momentos estiveram associados à prática do futebol. O jovem mostra que o convívio com a escola pode ser comparável a outros momentos de diversão, como aqueles em que ele ouve música. Na realidade, ele também estabelece com seu interlocutor um discurso que coopera com os objetivos da reportagem. A fala reforça o papel da escola, de modo a se identificar com esse lugar partindo de suas melhores lembranças. O entrevistado procura estabelecer uma ponte com uma audiência interessada em ver o papel da escola reconhecido. Independentemente de o jovem escolher o caminho de cooperar com o discurso da emissora, ela não pretende problematizar o discurso no contexto em que ele ocorre, mas utilizá-lo para reforçar suas pretensões de validar sua alocação e revelar a imagem que propõe sobre si mesma.

No segundo momento da entrevista sobre a escola, o adolescente entrevistado sai do tema proposto e fala das privações, das diferenças: *Nossa vida é sofrida, certo?* Acusa seu inconformismo com as diferenças e as condições que são dadas a pessoas como ele. Em seu discurso demarca o ressentimento, enumerando as dificuldades impostas por essas

privações: [...] *não tem um tênis pra botar, uma calça pra vestir, uma camisa boa, um uniforme bom. Às vezes não tem um sabão pra lavar a camisa.* Com isso, justifica a escolha por outro modo de vida e o conseqüente abandono da escola.

As privações são destacadas como obstáculos que o desmotivam a buscar uma relação com esse espaço. A fala contundente revela uma forte crítica ao sistema e à falta de oportunidades na qual se insere a vida daqueles jovens. Embora a fala reflita essas condições, ela não se desdobra como crítica ao sistema gerador de desigualdades. Ela é tomada pela emissora como um clamor pelas oportunidades que podem ser dadas pelo telespectador, sensibilizado e disposto a colaborar para a mudança do triste quadro que o discurso do jovem revela.

Na cena “O sonho”, os jovens são estimulados a falar sobre seus sonhos, sobre as expectativas que gostariam que fossem realizadas na vida.

Adolescente 1: Trabalho bem legal com minha família. Sair dessa, mudar dessa pra outra.

Adolescente 3: No futuro eu quero uma escola dentro da comunidade, porque eu penso no futuro, entendeu? Queria mais área de lazer dentro da comunidade pra ocupar a cabeça do jovem. E no futuro queria uma vida melhor. Levar uma vida melhor, uma comunidade melhor, sem guerra. Um país normal.

O trabalho como lugar de realização para si e para a família inspira o desejo do jovem, que vê nessas condições a oportunidade para deixar a vida que leva. A escola e o lazer são outras formas de ocupação que, acredita o outro adolescente, serão capazes de se colocar como alternativa para realização dos jovens. O desejo de paz também é formulado quando se almeja uma rotina de vida sem os sobressaltos de uma guerra com a qual eles convivem cotidianamente.

Adolescente 4: Se a sociedade der oportunidade pra gente, quero ser um trabalhador. Quero ter oportunidade pra ingressar no mercado de trabalho. Ter minha carteira assinada, ter minha casa. É isso. Eu não penso alto não, penso simplesmente em ter a vida que os outros têm.

Novamente o trabalho como fonte de oportunidade e realização é lembrado pelo jovem, que busca na segurança desse lugar e da posse de uma casa a realização das condições mínimas para outra forma de vida. As diferenças novamente são destacadas e a desigualdade é apontada como causa da situação a que estão expostos. Os adolescentes cooperam

com os valores que a emissora pretende mostrar, mas insistem em apontar as assimetrias sociais como questões decisivas para explicar suas escolhas e condições de vida.

São evidenciados os desejos pelo trabalho e os direitos que ele consagra: a convivência com a família, a vida longe do tráfico, a busca por um futuro de paz com direito a diversão para si e para os outros são as expectativas anunciadas recorrentemente. Enfim, uma vida que possa ser considerada normal e em que todos tenham direitos reforça os sentidos que, supõem, a audiência também deve partilhar. Enfatizam que tudo isso, no entanto, é dificultado pela imposição de um sistema gerador de desigualdade que lhes nega oportunidades. Para a emissora, o sentido das oportunidades pode ser realizado com as doações ao seu projeto de mobilização e reparação desses danos sociais.

Na cena “Um conselho”, o jovem envolvido com o tráfico é solicitado a aconselhar as pessoas que não convivem com esse mundo:

Adolescente 5: Eu diria um conselho. Que nunca entrasse para essa vida, porque essa vida não é uma vida sossegada. É a pior vida que tem é no tráfico. Não dá pra ficar nessa vida não.

A recomendação do jovem mostra quanto a perspectiva que vive está distante do que ele almeja para si e para os outros. Uma vida em que não é possível viver em paz não pode ser exemplo para ninguém, principalmente para aqueles que ainda não são reféns dessa condição. O jovem age como testemunha, capaz de reconhecer de perto a situação que experimenta e, por isso, fala com autoridade sobre suas consequências.

Na última cena, o discurso nega a própria prática do depoente para apontar seus aspectos mais perversos. Não há contradição, alegria ou mesmo qualquer valor do qual possa se orgulhar aos olhos da audiência. Para alcançar a amabilidade de seus ouvintes, os jovens sabem quão importante é reconhecer o caráter nocivo de suas práticas, prejudiciais a eles mesmos. Ao negar essas práticas, o discurso aponta para o desejo de uma inserção social diferente. Esse desejo, nas circunstâncias em que eles se encontram, só pode ser demonstrado pelo uso da palavra na qual eles negam o gosto pelas coisas que vivem e, até mesmo, as práticas que os levaram ao centro daquela cena.

Conclusão

Os adolescentes compreendem as regras do contrato para uma visibilidade midiática e, por isso, escolhem o melhor desempenho para

tornar seus desejos visíveis de modo a projetá-los, pelo menos por um instante, como portadores de valores, em uma sociedade que lhes negou os direitos básicos que reclamam.

O reconhecimento sobre os riscos que a escolha pelo crime traz, assim como o desconforto da família, acrescentou ingredientes dramáticos aos dados racionalmente expostos no discurso. A fala dos jovens implicados no crime incorporou premissas que puderam ser aproveitadas na expectativa do repórter e da emissora. Esperava-se que os papéis da escola e da família fossem reconhecidos e valorizados, ainda que aqueles jovens, no curso de suas vidas, possam não ter dado a essas instituições a importância que eles lhes deram em seus discursos.

A crítica social e o clamor pelas oportunidades são tomados pela emissora não como discursos, orientados para mudança social, mas como reiteração dos apelos dirigidos àqueles que podem dar sua contribuição em dinheiro para mudar esse quadro. Por meio desses discursos se retoma o mote do *Criança Esperança*, reforçando sua ação com base na promessa que se estabelece, desde o início da programação, quando o telespectador é interpelado como ser capaz de modificar todos os problemas que, ao longo da programação, são mostrados.

No conselho para que ninguém viva essa experiência encerra-se a cena, como um clamor que recusa a atitude própria e reivindica oportunidades para experimentar outro modo de ser. Embora a reportagem se propusesse, com as entrevistas, explicitar os motivos que levam os jovens a entrar no tráfico, essas respostas deixam implícitos os desejos que não foram debatidos e problematizados no contexto do programa. O diálogo dos meninos envolvidos com o crime foi pautado como uma oportunidade de fala, somente permitida para ser um encontro com a expectativa da audiência. As causas e as consequências apontadas não foram tratadas pela emissora mesmo tendo sido apresentadas no discurso dos jovens entrevistados.

Com isso, as motivações que os levariam a abandonar a escola e assumir a vida no tráfico apareceram apenas de maneira implícita e foram utilizadas para tecer e compor o grande argumento do programa em favor das oportunidades que só o telespectador, sensibilizado por esses fatos, pode dar. O discurso da emissora se orientou pela corresponsabilização da audiência para compartilhar com ela a solução dos problemas que apresenta. Ao telespectador cabe agir de acordo suas possibilidades, com seus próprios recursos para modificar o esgarçado tecido social aproximado da reflexão pública pelo enquadramento da tevê.

Uses and relationships with the television

Abstract

The paper reflects on a news item on Rede Globo concerning the life of youths involving in drug trafficking. The broadcaster proposed, through a report shown on a television program, Criança Esperança, establishing a direct relationship between the young people's practices and the lack of schooling.

Keywords: *Television. News item. Youth.*

Referências

- AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BILL, MV. Reportagem. In: PROGRAMA CRIANÇA ESPERANÇA. São Paulo: Rede Globo de Televisão, 2007.
- FRANÇA, Vera. A televisão porosa: traços e tendências. In: FILHO, João Freire. (Org.). *A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 27-52.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios (PNAD)*, 2004. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/pnad04.asp>>. Acesso em: 26 de out. 2009.
- LIMA, Venício A. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Ed. Senac, 2003.
- MENEZES, Willian. Faces e usos da argumentação. In: MARI, H. *et al. Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso FALE/UFMG, 2001.
- PAGLIA, Ernesto. Reportagem. In: PROGRAMA CRIANÇA ESPERANÇA, 11 ago. 2007. São Paulo: Rede Globo de Televisão, 2007.
- PROGRAMA CRIANÇA ESPERANÇA, 11 e 12 ago. 2007. São Paulo: Rede Globo de Televisão, 2007.
- SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

Enviado em 26 de fevereiro de 2013.

Aceito em 21 de abril de 2013.